

MULHERES NEGRAS, PANDEMIA E CUIDADO: VIOLÊNCIAS COTIDIANAS

RITIELE MACHADO PRESTES¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas– ritiele22prestes@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”. O projeto de pesquisa mais amplo, o qual nos subsidia, nasce no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), articulado ao Núcleo de estudos e pesquisa em Psicanálise Pulsional e ao Laboratório de Fenomenologia e Psicologia existencial Epoché, em parceria com o Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo Marginália, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa teve início em maio de 2020 com o objetivo central de compreender as possíveis repercussões psíquicas e sociais que se desdobram da pandemia de COVID-19 na vida de mulheres.

A partir desta pesquisa mais ampla vamos tratar aqui de um recorte específico: mulheres negras mães e sua relação com o cuidado, durante a pandemia de COVID-19. Quando falamos em cuidado realizado por mulheres é necessário fazer o exercício de pensar de que mulher estamos falando, uma vez que a categoria mulher constitui-se como uma categoria plural marcada por diversas intersecções como raça, classe, deficiências, idade, etc. Pensando no recorte de raça, diretamente falando sobre mulheres negras, este trabalho propõe discutir sobre “as paredes” que essas mulheres enfrentaram durante a pandemia, no que refere a questão do cuidado. A ideia de paredes de tijolos é proposta pela escritora feminista Sara AHMED (2022) mulher não branca, atuante na área de estudos feministas. AHMED (2022) usa de uma proposta de linguagem lúdica, e usa a metáfora das paredes para mostrar como existem obstáculos que impedem as oportunidades para certos corpos, principalmente para corpos que não sejam brancos ou que não estejam dentro da norma cisheteropatriarcal. As paredes são como obstáculos móveis, e tentam de toda forma bloquear um caminho, a chegada em certos lugares. Essa forma de impedimento é uma evidência, precisamente, da materialidade da raça e do gênero, então essas paredes impedem de satisfazer um desejo ou de completar uma ação e reforçam desigualdades.

2. METODOLOGIA

A pesquisa que subsidia o recorte foi desenvolvida a partir da análise de dados coletados em questionário online, disponibilizado e divulgado do dia 24 de maio de 2020 ao dia 07 de junho de 2020. As participantes do questionário responderam perguntas de cunho quantitativo e qualitativo, dispendo ao todo, de 32 questões que englobam aspectos como renda, raça, orientação sexual e, também, perguntas que convidaram as participantes a construir narrativas sobre si mesmas. Devido ao grande número de respostas, adotamos a estratégia metodológica de analisá-las a partir de recortes. O recorte escolhido para esse trabalho é de mulheres negras, com filhos e que cuidam de outros membros da família além de filhos. A discussão na qual aprofundaremos o trabalho surgiu a partir da resposta a duas perguntas do questionário, a pergunta objetiva foi: Você cuida de outros membros da família (que não filhos) durante a pandemia? (Cuidado



tanto prático: alimentação, limpeza, remédios, etc; quanto emocional: escuta de relatos sobre situações de sofrimento ou violência, ajuda na resolução de problemas, apoio emocional...). A pergunta dissertativa foi: Relate as principais transformações que a pandemia de COVID-19 causou na sua vida? Foi realizado um trabalho de análises dessas narrativas partindo do método psicanalítico em diálogo com o campo dos estudos feministas e de gênero. Assim partimos de um método que inclui a subjetividade, as vivências das pesquisadoras e também que dialoga com o contexto atual, considerando a pluralidade das experiências. HARTSOCK(2019) argumenta que é necessário transformar a experiência em saber, ou seja, uma epistemologia criada a partir do viver.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram vinte e três respondentes, 22 mulheres de orientação heterossexual e 1 orientação bissexual. Quanto à renda, 11 respondentes ganhavam de 1 a 2 salários mínimos, 7 respondentes ganhavam de zero a 1 salário mínimos, 3 ganhavam 2 a 4 salários mínimos e 2 ganhavam 4 a 6 salários mínimos. Acreditamos que esses dados são fundamentais para pensarmos sobre as vivências dessas mulheres e suas narrativas, levando em consideração os marcadores sociais em que estão situadas.

Quanto a pergunta dissertativa, a pesquisa mostra que para as respondentes a rotina de cuidados domésticos em seus lares foi intensificada em relação a prevenção da contaminação pelo vírus, segundo as narrativas:

“Medo de sair, a higiene compulsiva”(participante 13)

“Os cuidados com a limpeza da casa, que ficou constante e extrema”(participante 14)

“Mais higiene”(participante 10)

Importante destacar que historicamente mulheres negras estão associadas ao trabalho doméstico, como se fosse uma identidade agregada, uma forma estereotipada de que toda mulher negra sabe cuidar de um lar. Sendo assim, nossa pesquisa em conjunto com a psicanalista feminista Grada Kilomba (2019) explica o termo racismo genderizado que retrata essa opressão racial que mulheres negras sofrem a partir da relação de raça e gênero frente os papéis que estão associados e alicerçados em percepções racistas. Contudo salientamos que sentimentos como medo vieram à tona, pois a profilaxia em excesso ou compulsão por limpeza, segundo palavras delas, foi um aspecto resultante desse período pandêmico.

No que se refere a renda encontramos outra parede, os dados apresentam o que mesmo antes da pandemia já era evidente, grande parte da população negra tem as mais baixas remunerações, seja no setor privado, público ou em trabalhos como autônomas. Segundo BENTO (2002) trata-se de um pacto narcisista entre brancos que colocam negros em condições desfavoráveis, retirando ou privando de melhores colocações no mercado de trabalho. Ainda segundo a autora o termo branquitude caracteriza um lugar de privilégio racial, mantendo na estrutura hierárquica pessoas brancas no topo. Sendo assim resta a busca por alternativas informais de trabalho. BENTO(2002), explica que é como se houvesse uma pacto entre pessoas brancas, ninguém declara formalmente a não aceitação de pessoas negras, não falam ou se omitem em relação ao racismo, e então utilizam de estratégias informais para discriminá-las. Ainda segundo a autora a negação das práticas de discriminação está profundamente enraizada em nosso país. Frente a isso pode-se perceber que a pandemia gerou ainda mais desigualdades privando principalmente as mulheres que trabalhavam em empregos informais, conforme as algumas narrativas:

“Não estou vendendo muito meus.”(participante 3)



*“A diminuição de compra de produtos, trabalho com vendas!”(participante 4)
“Isolamento social, dificuldade em ganhar dinheiro, ansiedade...”(participante 6)*

O recorte mostra também as paredes acadêmicas quanto ao acesso à informação, por falta de dispositivos eletrônicos. Os relatos mostram o quanto alguns cuidados foram colocados em segundo plano.

“Impactou na minha vida acadêmica pois com aulas online não tenho como estudar por que não possuo computador em casa, e também na minha saúde pois estava fazendo tratamento da minha (escoliose) e com isso foi interrompida e com isso estou sofrendo com as dores nessa pandemia.”(participante 15)

As violências na vida dessas mulheres caracterizam-se como violências estruturais e essas violências sempre estão em conjunto com o racismo. Logo durante a pandemia não foi diferente e foi intensificada a dificuldade do acesso a cuidados em saúde de modo geral. Quando questionadas sobre as transformações que a pandemia causou, as participantes responderam:

“Tristeza, incerteza quanto ao futuro, pressão alta (já diagnosticada), trabalho em excesso e intermitente”.(participante 8)

“Saio somente pro trabalho e mercado, engordei seis quilos em menos de um mês. Minha filha passa mais de dez horas sozinha”.(participante 21)

O cuidado com a própria saúde, e a falta de tempo para cuidar da(os) filha(os), foram paredes também marcantes nesse período. Deixar filhos sob cuidados precários de outros pode agravar angústias ou pôr em risco a vida de alguns, principalmente crianças negras, a exemplo o caso que aconteceu em Recife, onde menino Miguel Otávio S. Silva, de 5 anos, caiu de um prédio de luxo enquanto acompanhava a mãe, que precisou levar ele para seu local de trabalho devido ao fechamento das creches em virtude da pandemia em junho de 2020 (Fonte G1.globo). Para que a mãe do menino pudesse realizar outros afazeres domésticos deixou por alguns instantes sob não cuidado da patroa, culminando na morte dele. Neste caso é possível tensionar questões como: quais corpos têm direito ao cuidado, e quanto a despersonalização da criança pela cor da pele e classe social, uma criança branca e rica estaria sozinha andando pelo prédio, sem supervisão de um adulto?

Desde os tempos da escravidão as mulheres negras prestam cuidado, lembremos aqui da figura da mãe-preta, cuidadosa e subserviente, que estendia cuidados desde crianças à adultos, sem qualquer remuneração. Logo ao analisar o trabalho de cuidado, que se reflete até os dias de hoje, de forma velada ou não, fica expresso de forma mais reveladora quando pensamos no ofício de babás, antigas "amas-de-leite", que inúmeras vezes deixavam de cuidar/amamentar os seus próprios filhos para cuidar dos filhos dos senhores brancos como aponta GONZALES(1980). No contexto escravocrata eram exploradas, quanto à amamentação visto que as senhoras brancas não cabia alimentar o recém nascido e assim descuidar do seu corpo. Segundo ALVES(2013) existiam argumentos estéticos para não realizarem esse trabalho. Frente a isso, a amamentação era considerada um afazer de quem por natureza tinha o corpo preparado para tal finalidade, um estereótipo preconceituoso, um cuidado-obrigação. Contudo, essas mulheres nutriam uma relação de amor/afeto com as crianças brancas, cuidadas com dedicação extrema, apesar de não serem seus filhos ALVES(2013).

Esse passado repercute até os dias atuais incluindo o âmbito do cuidado por vezes naturalizado como “amor”, segundo GUEDES;CORDEIRO (2020) o cuidado se configura como trabalho e portanto, numa perspectiva epistemológica feminista, é nomeado como trabalho não-remunerado. A maior parte das participantes afirmaram que não eram as únicas responsáveis pelo cuidado dos filhos, contudo

